

Experiência Filosófica da Obra de Arte

José Bento Machado Ferreira (Bolsista PIBIC/CNPq)

Orientador: Carlos Alberto Moura

Hegel diz na introdução de sua "pequena lógica" que a filosofia tem "seus objetos em comum com a religião", que "as duas têm a verdade por seu objeto" e que "ambas tratam do âmbito do finito, da natureza e do espírito humano; de sua relação recíproca, e de sua relação com Deus, enquanto sua verdade"¹. Não se trata aqui de comparar Hegel e Merleau-Ponty, trabalho árduo pela extensão de seu estofamento, dada a constante presença do interlocutor hegeliano ao longo das reflexões de Merleau-Ponty, seja na figura do "monstro incomparável" de Malraux, que persegue os artistas, ou mesmo no combate à "dialética aprisionada numa ontologia pré-dialética"², que impede a formulação de um ser genérico pelas modernas filosofias dialéticas. Trata-se de localizar no universo da obra literária aquilo que nela resiste contra uma "ontologia pré-dialética" divisor de águas entre os mundos da natureza e do espírito humano, que torna necessário pensá-los a partir de sua comum remissão a um "Deus". Assim como o fenômeno da expressão literária exerce uma interpelação ao leitor comum, criando nele e com ele novas significações, atordoando e desfigurando sem perda seu sistema de pensamentos, a experiência particularmente filosófica da literatura não transtornaria também todo o arcabouço de noções ultrapassadas que ainda emperra o fluxo da filosofia, constituindo o que Merleau-Ponty chamou "prejuízos do mundo"? Comprová-lo a partir da ontologia laica do ser genérico pode nos levar a afirmar que é com a literatura que a filosofia partilha "seus objetos" e que não há necessidade em se pensar um Deus que seja a verdade da natureza e do espírito uma vez que ambos são modos de ser de um só infinito concreto.

A fenomenologia de Husserl em seu exercício de instituir e restituir a cada fenômeno o seu caráter ontológico já investe, segundo Merleau-Ponty, contra o prejuízo do mundo, pois o estabelecimento da redução fenomenológica visa o sujeito pré-científico, encarnado. A "suspensão das afirmações espontâneas nas quais se vive"³ de modo algum se assemelha a uma dúvida hiperbólica que, como quis Descartes, condiciona a confiabilidade nas "aparências" à prova de que se está em vigília. É justamente contra o prejuízo de que as aparências nada têm de inteligível e portanto de indubitável que a redução fenomenológica opera, relativizando o prejuízo adquirido e já calcado em nossa percepção de que aparência e inteligibilidade são opostas totalmente. Somente através da redução o sujeito se entende como sujeito encarnado no mundo e finalmente aberto para a interrogação infinita dos fenômenos que experimenta, interrogação que constituirá a ontologia do mundo da vida. Assim, segundo Husserl, será traçado um caminho entre psicologismo, logicismo e historicismo, ramos que se separaram por um equívoco mas que serão reincorporados pela filosofia, que não é ramo nem tem sentido como ramo, é tronco, como disse Heidegger (*Qu'est-ce qu'une chose*) e aos ramos dá sentido. Este caminho Husserl chamou de *Wesenschau*, o resultado do trabalho fenomenológico que transforma

todos os fenômenos do mundo vivido em essências sem fuga para uma consciência atemporal. A obra de arte exemplifica este olhar. No curso citado, Merleau-Ponty fala na Nona Sinfonia de Beethoven, que não está fora do tempo porque é uma coisa gerada numa certa data e que transmite sentimentos inscritos em determinadas circunstâncias, mas ainda assim está "em todo o tempo" aberta e sem fim.

Daí a observação husserliana de que a consciência deve *sich einströmen*, afluir, voltar-se para o "fluxo que é nossa experiência"⁴. Ali deve procurar seu objeto, não o atemporal, pois jamais se ultrapassa a temporalidade, mas o omnitemporal, aquilo que é para todos os tempos. A tradição filosófica geradora do prejuízo do mundo toma o fluxo da experiência como mera sucessão de aparências ou fenômenos. A grande inovação que Merleau-Ponty aponta em Husserl é justamente a concepção de um primeiro ato filosófico, a redução fenomenológica, que quebre o sono da atitude natural transformando a natureza em objeto intencional. É possível rastrear ao longo da obra husserliana o movimento que o levou do logicismo até o encontro das noções que exprimem o mundo percebido. Husserl passa a confrontar o intelectualismo situando a aparência sensível fora do sujeito e denunciando o equívoco da cisão total entre qualidades primárias e secundárias de uma coisa⁵. As primárias seriam as propriedades físico-geométricas, ditas objetivas, essenciais e portanto externas ao sujeito, constituindo o mundo "em verdade". As secundárias, como cor, odor ou sabor seriam específicas, sensíveis e portanto meramente subjetivas. Abstraindo-se as qualidades secundárias veríamos o mundo como ele é, ou seja, o fundo matemático da natureza. Sendo a redução fenomenológica um mergulho no fluxo da experiência, cumpre propôr uma alternativa a esta cisão entre o objeto sensível e suas determinações e o ser verdadeiro e suas determinações matemáticas, que fazem dele um "x" vazio. Segundo Husserl, a aparência sensível subjetiva não é vazia, ela é signo de um objeto ideal e transcendente. Assim, a percepção "lastreada" pelo método racional nos orienta pelo mundo. Mais tarde a noção de intencionalidade noemática iniciará um percurso de definição da consciência e da natureza segundo a experiência do sujeito encarnado e não à sombra de algum princípio atemporal. Intencionalidade noemática é a transformação de uma aparência vazia num noema através de um processo chamado noese. Noema é fenômeno, que ganha um sentido diferente do que Kant lhe atribui, representação vazia. Não se trata mais do que aparece, mas de como aparece, isto é, o modo de doação ou perfil através do qual um objeto se dá à experiência que o sujeito tem dele. O fenômeno ou noema tem um sentido íntimo, uma expressividade, uma vez que o perfil, embora não mostre senão uma face do objeto e nunca o objeto inteiro, sempre remete ao todo. A percepção nunca é completa, nunca um objeto se apresenta inteiramente, mas ainda assim os perfis ou modos de doação permitem que eu não experimente aparências mas sim fenômenos, de modo que a percepção não é lastreada por um método racional que nos orienta no mundo, ou melhor, se há algo como este método, a percepção o contém.

Descrevendo como se orienta através do pensamento⁶, Kant monta a experiência de um quarto escuro de onde se deve sair sem acender nenhuma vela. Uma vez que já se conhece o quarto, há toda uma dimensão *a priori* com a qual se deve combinar um único gesto empírico, o de estender o braço e encontrar algum ponto conhecido,

a fala dos homens? Como foi apontado acima, Husserl parte de uma postura logicista para descrever uma trajetória de mergulho no mundo da vida. Chegou a defender uma "eidética da linguagem" uma "gramática pura"⁹, que traduzisse toda significação possível sem equivocidade, confusão, acaso. Sistema este que, nas palavras de Merleau-Ponty¹⁰, "não significa nada por si mesmo, uma vez que tudo o que exprime está antecipadamente retirado (*prelevé*) de uma linguagem de fato e de uma *omnitudo realitatis*, que, por princípio, ele não engloba". Para compreender o processo de significação da nossa linguagem "de fato", então, é preciso derivá-lo da experiência que temos dele, afluir nesta *omnitudo realitatis*, descoberta pela teoria da percepção a partir da quebra do prejuízo do mundo.

Curioso que as considerações de Merleau-Ponty sobre a linguagem não tenham como base a florescente ciência linguística da primeira metade do século. É nobre excessão de Saussure, cuja concepção de que o signo é diacrítico, isto é, não comunica por um sentido seu, mas por um desvio de sentido que marca numa seqüência, Merleau-Ponty prefere constituir a sua idéia de linguagem a partir da experiência literária dos autores que de alguma maneira iluminam o tema: Valery e Stendhal. Mallarmé também é citado nos *Resumés de Cours*, mas não vem ao caso o controle da lista de presença, se este autores foram a faísca que acendeu o fogo da linguagem na leitura do fenomenólogo, todos os outros alimentarão a fogueira. Seguindo Sartre, Merleau-Ponty é quem compara o processo de leitura a uma chama que queima. A leitura se inicia "*parasseusement*", árdua e cansativa. Mas tão logo o sistema de pensamentos do leitor é excitado pelo sistema de significação e que se lhe apresenta, o mergulho no fluxo de pensamentos que é o livro se faz facilmente, e o leitor já não se atenta ao número da página que lê, se virou ou não a página não percebe, nem mesmo os pequenos estímulos do mundo a sua volta lhe chamam a atenção, uma carro passando, um inseto zunindo. Age neste momento a linguagem falando, "interpelação que o livro dirige ao leitor não prevenido", sobre a linguagem falada, conjunto de signos e significações que o leitor leva consigo e que possibilita a sua leitura. Seguindo o exemplo de Merleau-Ponty, eu sei o que é um patife (*coquin*), mas ao ler Stendhal e entrar em contato com o fiscal Rossi, que é um patife, o personagem passa a habitar a minha noção de patife de modo que para mim o patife passa a ser um fiscal Rossi, e não vice-versa. A reviravolta no meu sistema de significações, a ação transformadora da linguagem falando sobre a linguagem falada é extrapolada quando se fala em poesia: "Ora, apareceu neste exame que, se ela não é significante como o enunciado que se apaga ante o que diz, se ela não se separa de suas palavras, não é somente porque seja um canto ou dança da linguagem, não é carência de significação, é porque ela tem sempre mais de uma"¹¹ Ora, se a natureza é feita um horizonte aberto e sem fim pela linguagem, doadora de sentido e geradora de todos os possíveis, e o filósofo é o que se propõe, para além do vocabulário e da lógica dados, descrever este universo de paradoxos, não seria a poesia assim como a natureza e toda sua leitura por quem quer que seja uma experiência filosófica?

NOTAS

1. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio: I Ñ A Ciência da Lógica*, edições Loyola, p 39.
2. Merleau-Ponty, *Resumés de Cours*, Gallimard, p 128.
3. Merleau-Ponty, *Ciências do Homem e Fenomenologia.*, Saraiva, p 16.
4. *Op. Cit.*, p 28
5. Husserl, Edmund, *Idées I*, n. 41.
6. Kant, "Como orientar-se através do pensamento" in *Opúsculos*, Edições 70.
7. Merleau-Ponty, *La prose du monde*, Gallimard, pp 15 e 16.
8. Merleau-Ponty, *La Nature, notes de cours du Collège de France*, Seuil, p 102.
9. Merleau-Ponty, *La prose du monde*, p 24.
10. *Op. cit.* p 25.
11. *Resumés de Cours*,p 26.